
DAVID MOURÃO-FERREIRA: UM MONUMENTO DE PALAVRAS¹

MARÍLIA REGINA BRITO
MESTRE ASSISTENTE
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

David Mourão-Ferreira didn't die. Those who had the privilege of meeting him or reading again and again his extensive work, feel him alive and close. He is even closer on the CD recorded at his last Christmas, when he was ill beyond all hope. Untitled *Words's Monument*, this piece is the result of a careful choice of poems read, magisterially, by David himself. This was a "very special record" because it was done at such a difficult time. This adverse reality had a serious impact on the CD autobiographic character, eternalising both David's voice and poetry. The last of these 35 poems, premonitorily calls "Will". But ... "the poet never dies" like Almeida Garrett said.

Há-de vir um Natal e será o primeiro
em que se veja à mesa o meu lugar vazio
Há-de vir um Natal e será o primeiro
em que não-de me lembrar de modo menos nítido
(Mourão-Ferreira. "Ladaíinha dos Póstumos Natais", 1988: 244-245)

Ainda que já tenha passado um Natal em que o seu lugar à mesa permaneceu vazio, julgo poder assegurar que as pessoas que conheceram David Mourão-Ferreira e têm o privilégio de ler e reler a sua obra, o recordam e recordarão de um modo bem nítido e enternecido. Ele, todo ele está presente na sua poesia, nos ensaios, nas crónicas, nos contos, nas novelas, nas belíssimas letras de fados, nos programas radiofónicos, nas conversas televisivas, na memória das aulas, nas peças de teatro, no único romance – *Um Amor Feliz* –, nas traduções, nos inúmeros prefácios generosamente escritos... Esta extensa obra é o testemunho do seu imenso amor às palavras e à vida, a herança mais preciosa de resistência ao esquecimento, a "esperança de que melhor o conheçam por dentro". (1993:LIII)

Faz-me bem acreditar nas suas próprias palavras, a propósito da vida extra-terrena:

A morte não é o fim da vida. Há toda uma carga anímica que a nossos olhos se manifesta no itinerário vital que não pode cessar com a morte.²

1 Título do CD de David Mourão-Ferreira, gravado por David Ferreira, em Setembro e Outubro de 1995, em Cascais. Montagem digital de Fernando Paulo Boavida. Fotografia de Ana Esquível. Design gráfico de Fátima Rolo Duarte. Uma edição EMI-Valentim de Carvalho para a Cruz Vermelha Portuguesa.

2 Palavras proferidas em entrevista à autora deste artigo, na tarde de 28 de Março de 1996, na casa do poeta, em Lisboa.

E sabendo eu que David se proclamava – “acima de tudo poeta” –, denodadamente invoco a sábia advertência daquele que tanto o marcou, Almeida Garrett, sobre a sorte de se ser poeta:

E vós morrereis, ele não. Ou só morrerá dele aquilo em que se pareceu e se uniu convosco. E essa falta, que é a mesma de Adão, também será punida com a morte. Mas não triunfeis, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quase nada no poeta. (1987: 43)

198 Mas David está ainda mais presente – de um modo bem mais substantivo – no CD que gravou pouco antes do seu último Natal, o Natal de 1995, quando já estava tão irremediavelmente doente. Ouvindo-o, chego a esquecer-me de que ele já não está entre nós, de tal modo é real e forte a sua presença, viva e cálida a sua voz... Ouvindo-o, repito, tenho a certeza que o espírito de Mourão-Ferreira está connosco. Em boa hora, e graças à iniciativa de Ana Esquível e à discográfica EMI / Valentim de Carvalho, ficámos com uma inestimável colectânea de poemas escolhidos e ditos magistralmente por ele próprio, sob o título de *Um Monumento de Palavras*, que deixa o sabor amargo de um testamento, de uma despedida para todo o sempre, mas também uma sensação renovada de plenitude, de refrigério, tão bela e profunda é a sua mensagem.

O responsável por esta feliz edição, David Ferreira, filho do autor, chamou-lhe “gravação doméstica” já que, tendo sido feita em casa, apresenta ruídos como o arrastar de uma cadeira, o motor de um carro lá fora, o virar de uma folha de papel, o vento a soprar pelas frinchas das janelas... enfim, uma manifesta falta de rigor, em termos de acústica que, por outro lado, lhe confere dotes de autêntica realidade.

Falando-me desta gravação, David reconheceu que se tratava de um disco “muito especial”, já que fora realizado numa fase tremendamente difícil da sua vida, em que acabava “de se revelar uma doença contra a qual estou a tentar lutar”. Esta realidade adversa e triste influiu, necessária e compreensivelmente, no carácter autobiográfico do referido CD, perpetuador da voz maravilhosa do poeta: “Certidão de Nascimento” (1988), “Natal à Beira-Rio”(1960), “Casas Caiadas”(1958), “Teoria das Marés”(1948), “Xácara dos Campos de Elvas” (1956), “Retrato de Rapariga”(1965), “Ilha”(1973), “Deriva”(1993), “Voto de Natal”(1960), “As Últimas Vontades”(1960) e “Testamento”(1978) são alguns dos 35 poemas escolhidos. Simbólica e premonitoriamente, o último chama-se... “Testamento”. Ainda que não haja uma relação cronológica entre os poemas escolhidos, a sua organização obedece a um fio condutor que parece atravessar todos os momentos cruciais da vida de David. Mas só aparentemente, porquanto, como defendia, “... só aparentemente a poesia é autobiográfica”. Eu conhecia esta sua afirmação..., mas é igualmente

certo que a vida e a obra davidiana se confundem, "não havendo distinção entre a poesia e a vida, tendo sempre vivido poeticamente e escrito vivencialmente, como quem respira", no dizer de Miguel Esteves Cardoso (*O Independente*:1996), cinco dias após a morte do poeta.

Ainda a propósito deste CD, recordo-me que falei a David nas crónicas de Eduardo Prado Coelho (*Público*:1995) e de Clara Ferreira Alves (*Expresso*:1996). David mostrou-se muito comovido e confessou-me que apreciara imenso o que fora dito sobre *Um Monumento de Palavras*. Vale a pena recordar como, de um modo muito bem conseguido, Eduardo do Prado Coelho, num texto intitulado "Um Admirável Leitor de Poesia", depois de recordar o privilégio de ter tido, nos anos 60, David Mourão-Ferreira como professor de Literatura Portuguesa, tece as seguintes considerações sobre o referida obra discográfica:

... São 35 poemas, traçando uma espécie de arco auto-biográfico, escolhidos e montados com extrema inteligência, porque permitem a hábil dosagem de todas as dimensões essenciais da obra de David Mourão-Ferreira, segundo uma espécie de pulsão profunda que transforma estes textos numa espécie de poema único. (*Público*:1995).

Reportando-se às apontadas imperfeições desta "gravação doméstica", Prado Coelho, longe de as considerar como tal, justifica:

... Por isso, a cadeira, o carro, o papel e o vento, como no poema da Fénix Renascida, dizem apenas, e uma vez mais, a fragilidade da vida humana. Estão certos na gravação, como as palavras do texto. São o incessante ruído de fundo da nossa existência: "as cigarras de Cnossos, este canto rouco rouco / das cigarras de Cnossos". (ibidem).

E depois de analisar as múltiplas formas de se dizerem versos, as *performances* de um João Villaret a um Luís Miguel Cintra, remata:

... No caso de David Mourão-Ferreira, o paradigma é o mesmo: essencial é que as palavras existam, uma a uma, sem falhas, sem esmagamentos; e depois é preciso que o som das palavras, o corpo sonoro das palavras, seja ele próprio significante e que isso passe através daquilo que se convencionou chamar o grão da voz. (ibidem).

Por sua vez, Clara debruça-se sobre a impressão profunda que lhe deixou esta obra discográfica:

... Ouço o poema todo, "Últimas Vontades", e ele traz ao dia de rudeza e reticência a certeza de um momento perfeito. E em silêncio, fazendo rolar as palavras na cabeça como pedras soltas na cisterna vazia, escuto alguém, entre pausas e arrebatamentos, falar do amor e da morte e das ilhas que são as mulheres no tempo curto dos homens; sem contradizer John Donne. "Cada mulher / o tempo / de se viver numa ilha" ou "Esta mulher / um templo / no centro da sua ilha (...). Esta mulher / oh templo / de tudo na minha vida" ("*Axis Mundi*", 1976). (ibidem).

E noutro momento do excelente artigo, a jornalista, recorrendo a uma sucessão de formas verbais muito sugestivas, escreve sobre esta “maravilhosa ideia do filho, de gravar a voz do pai cantando nos campos da memória”:

... Um Monumento de Palavras , nome deste disco que existe, é o reverso dos dias crepusculares. É um risco de luz, uma voz que canta, saltita, pára, avança, baixa, sobe, respira, sussurra, ordena; mistura Anfião, Vivaldi, Apollinaire, lança ao fogo um velho dicionário, pede perdão ao som de uma sonata, recomeça com música de jazz e veste sem ninguém ver a túnica de Apolo (“Interior”, 1964). (ibidem).

O CD termina com o nostálgico poema “Testamento”(1988:319) que, começando por formular um desejo, dá a conhecer as suas últimas vontades, urgentes, pois apesar da *vida* o tentar *agarrar*, o aviso da *morte* é mais forte:

Que fique só da minha vida
um monumento de palavras
Mas não de prata Nem de cinza
Antes de lava Antes de nada
Daquele nada que se aviva
quando se arrisca uma viagem
por entre os pântanos da ira
além do sol das barricadas
(...)
Ou quando a terra não expira
senão segredos feitos de água
Ou quando a morte nos avisa
Ou quando a vida nos agarra

Trata-se de um longo poema, qual “sonâmbola sonata / que apazigua que arrepiá / que nos destrói que nos exalta”, formado por cinco estrofes de vinte versos, numa enumeração aparentemente caótica, porque infinitamente abrangente, com a qual o poeta se despede, já nostálgico, do mundo que o rodeia e que incondicionalmente sempre amou:

Adeus ó pombas onças víboras
todas iguais ante as muralhas
Adeus veredas invisíveis
que na floresta nos aguardam
Adeus ó barcos à deriva
Adeus canais Adeus guitarras
Adeus ó sílabas da brisa
Adeus sibilas ninfas cabras
tantas que a Deus se prometiam
mas só adeuses encontravam
Adeus ó deusas de partida

no meu minuto de chegada
Adeus ardentes evasivas
a ver se um pouco as demorava
Se as demorava ou demovia
de tão depressa me deixarem
Adeus ó portas clandestinas
que ao fim da tarde se entreabrem
Adeus adeus íntimas vítimas
Das cerimónias implacáveis

Apóstrofes, redundâncias e anáforas aqui se juntam em tom de ladaíinha, quase à laia de requiem. Partindo do real para o onírico, servido por ardiiosas metáforas, em que o poeta expõe e se expõe, por aqui perpassa todo um mundo de vivências, demonstrativo de que, apesar da sofrida despedida, a vida não foi em vão, porque este "monumento de palavras" é a mensagem que o poeta lega aos vindouros, e que o tornará, porventura, eterno. Termina o extenso poema, reiterando, obsessivamente, o "Adeus" e o voto inicial:

Adeus ó fogo Adeus raízes
Que todo o fumo alimentavam
E adeus o mel Adeus urtigas
Da minha terra calcinada
Adeus cortiço Adeus cortiça
Ó madrugadas inflamáveis
(...)
Adeus adeus eterna esfinge
Adeus Não penses que me ultrajas
E lembro tudo o que era simples
antes do nada inevitável
Mas que do nada ao menos fique
um monumento de palavras

E deste "nada inevitável", do valor residual do "nada" ficará para sempre "um monumento de palavras" que irá dar origem àquele final feliz, apenas antevisto no remate da sua premonitória "Ladaíinha dos Póstumos Natais" (1988: 245):

Há-de vir um Natal e será o primeiro
em que o Nada retome a cor do Infinito

Ainda pairam no ar os derradeiros acordes da sua voz profunda e doce, cheia de calor humano... Legou-nos *Um monumento de Palavras* cuja audição urge.

**BIBLIOGRAFIA:**

ALVES, Clara Ferreira. "Da Vida", *Expresso*, Lisboa: 17.2.96.

CARDOSO, Miguel Esteves. "David Mourão-Ferreira", *O Independente*, Lisboa: 21.6.96.

GARRETT, Almeida, João. *Folhas Caídas*. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1853; obra utilizada: Id. 2ª ed. Lisboa: Edições Europa-América, 1987.

MOURÃO-FERREIRA, David. *Obra Poética-1948/1988*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

Id. – *Auto-Retrato/Primeiros Traços. Jogo de Espelhos*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

PRADO COELHO, Eduardo. "Um Admirável Leitor de Poesia", *Público*, Lisboa: 30.12.1995.